



Universidade Federal de Alagoas - UFAL
Centro de Educação- CEDU
Maceió - Alagoas - Brasil

EVASÃO ESCOLAR E RETORNO À ESCOLA ATRAVÉS DA EJA: uma discussão de gênero

Rafaelle Torres da Silva - UFAL
Rafaelle.silva@arapiraca.ufal.br

RESUMO:

Este trabalho foi desenvolvido a partir da experiência de estágio na Educação de Jovens e Adultos, e teve o objetivo de explorar os motivos que levaram homens e mulheres a se evadirem da escola quando crianças e pelos quais retornaram para a EJA e analisar se as motivações de homens e de mulheres para retornarem aos estudos são semelhantes ou divergem. Tomando como referência o levantamento de dados feito por meio de questionários e entrevistas semiestruturados que ocorreram de forma online e presencial, registros escritos e observações. Trata-se de uma pesquisa para análise qualitativa e exploratória. Os resultados desenvolveram uma compreensão inicial sobre a “expulsão” escolar que muitos homens e mulheres têm sofrido e nos fez refletir sobre as dificuldades de aprendizagem dos entrevistados durante o período da pandemia da Covid - 19. Os resultados deste estudo contaram com aportes teóricos ligados aos Estudos de Gênero. As análises levaram em conta as teorias e estudos de Gênero, e revelaram que, para os homens, a evasão escolar ocorreu para que pudessem trabalhar e auxiliar nas despesas da casa e o retorno, para que pudessem aprender a se localizar através da leitura. Já as mulheres deixaram a escola para cuidar da casa e o retorno ocorreu após a estruturação familiar, com o objetivo de adquirir mais conhecimentos.

PALAVRAS-CHAVE: Educação de jovens e adultos. Evasão escolar. Relações de gênero

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho originou-se a partir da experiência de Estágio Supervisionado na Educação de Jovens e Adultos - EJA, componente Curricular do Curso de Pedagogia que possibilita aos discentes uma aproximação da realidade da sala de aula e da escola e nos leva a uma reflexão teórica sobre a prática (CABRAL; ANGELO, 2010, p. 2). A possibilidade de compreender a diferença entre a realidade da escola e, conseqüentemente, da sala de aula nos faz refletir sobre a prática

docente e sobre os desafios que crianças, adolescentes, jovens e adultos enfrentam para ter acesso à escola.

Ao longo dos anos o sistema educacional sofreu diversas mudanças, porém ainda podemos nos perguntar: a escola tem sido acessível a todos? Homens e mulheres têm acesso e condições de concluir os estudos da mesma forma? Como era a escola quando eram crianças? Diversos questionamentos surgiram após as observações ocorridas durante o período de estágio e a constatação de que a quantidade de homens que se matriculam na Educação de Jovens e Adultos – EJA no Brasil é maior que a quantidade de mulheres (INEP, 2020) e o índice de evasão entre os homens tem se tornado maior que entre as mulheres, demonstrando que existem desigualdades diretamente relacionadas ao gênero.

Os motivos que levam os estudantes a evadirem da escola são diversos, como a necessidade de trabalhar para ajudar no sustento da família, por exemplo, ou até mesmo para cuidar dos irmãos mais novos enquanto os pais trabalham e o retorno à escola pode ser um desafio. Após deixarem a escola quando tinham idades consideradas regulares muitos jovens e adultos retornam à escola através da EJA por conta do currículo flexível, disponibilidade de horários e por se sentirem acolhidos em um ambiente onde muitas histórias de vida se assemelham, motivo pelo qual surgiu o interesse em estudar sobre a evasão e o retorno à escola por homens e mulheres.

No âmbito do curso de Pedagogia, este estudo é importante por trazer uma reflexão sobre as práticas docentes e nos traz a compreensão sobre a importância da EJA para a redução das desigualdades sociais e educacionais no Brasil. Compreender os motivos que fizeram com que muitos abandonassem a escola quando crianças pode auxiliar a modificar concepções equivocadas e práticas ineficazes, reformulando-as para que todos possam ter condições de permanência, independente da idade.

O objetivo principal deste trabalho foi explorar os motivos que levaram homens e mulheres a se evadirem da escola quando crianças e pelos quais retornaram para a EJA. Os demais objetivos são de explorar os motivos que levaram os homens e as mulheres que estudam na EJA a evadirem-se da escola quando crianças/adolescentes; Compreender quais as semelhanças e diferenças nas narrativas entre homens e mulheres sobre os motivos para evadirem-se da escola;

Conhecer as motivações que levaram homens e mulheres a retornarem para a escola, em turmas de EJA; e analisar se as motivações de homens e de mulheres para retornarem aos estudos na EJA são semelhantes ou divergem.

O desenvolvimento deste trabalho está pautado na trajetória da EJA no Brasil, nos dados de analfabetismo segundo o censo demográfico populacional e de matrículas em EJA. As análises levaram em conta as teorias e estudos de Gênero, sobretudo as contribuições de Joan Scott (1995), de Felícia Reicher Madeira (1997) e de Maria Luíza Heilborn (1997). O trabalho que foi desenvolvido a partir do Estágio Supervisionado cumprido na Unidade SESC Ler Arapiraca e a metodologia utilizou entrevistas semiestruturadas (SZYMASKI, 2011), caracterizadas pela preparação de um roteiro com temas em formato de tópicos que conduziram o diálogo, permitindo aos entrevistados total liberdade para responder a todas as perguntas.

O contato com as professoras do SESC Ler Arapiraca foi fundamental e ocorreu durante o período de pandemia, o que impossibilitou muitos estudantes de participarem de forma presencial das entrevistas, desta forma, as perguntas foram enviadas para as professoras e seis alunos preferiram enviar suas respostas através de áudios e dois estudantes homens aceitaram ser entrevistados de forma presencial. Assim, a pesquisa foi constituída através das entrevistas com oito estudantes da Educação de Jovens e Adultos – EJA da Unidade SESC Ler da Cidade de Arapiraca. A amostra foi composta por cinco mulheres e três homens. Foram elaboradas oito questões sobre as quais os participantes puderam falar abertamente e a partir do resultado das entrevistas conseguimos trazer as considerações finais.

2 POR QUE O BRASIL AINDA PRECISA DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS?

2.1 A TRAJETÓRIA DA EJA NO BRASIL

A preocupação com processos educativos voltados para pessoas adultas no Brasil remonta os primeiros anos do Período Colonial. É possível situar a catequização de populações indígenas, inicialmente feita por padres jesuítas, com a alfabetização e a transmissão da língua portuguesa como uma primeira ação do que

hoje conhecemos como educação de jovens e adultos. Durante o período colonial a educação escolar passou por três fases, a de predomínio dos jesuítas, a das reformas do Marquês de Pombal e a do período em que D. João VI mudou-se com sua corte para o Brasil (1808-1821). Apenas na terceira fase o então rei de Portugal D. João VI implantou um processo de escolarização de adultos, com o objetivo de formar trabalhadores para servir a aristocracia portuguesa como serviçais.

Em 1822, com o fim do domínio português, o Brasil ganhou autonomia política e enfim surgiu a primeira constituição brasileira. Nesta fase da História do Brasil, o regime de governo era a monarquia, mas os representantes das Câmaras Municipais eram eleitos em um sistema de eleições censitárias. A possibilidade de escolher um representante político através do voto seria uma conquista para muitos, porém, algumas exigências foram feitas e aqueles que não possuíam domínio da leitura e escrita, infelizmente, não tiveram acesso ao voto. A procura pelo ensino cresceu e a precariedade quanto ao acesso à educação de qualidade para todos também, Leôncio Soares (2002, p. 08) diz que

Após a proclamação da Independência do Brasil foi outorgada a primeira constituição brasileira e no artigo 179 dela constava que a “instrução primária era gratuita para todos os cidadãos”; mesmo a instrução sendo gratuita não favorecia as classes pobres, pois estes não tinham acesso à escola, ou seja, a escola era para todos, porém, inacessível a quase todos, no decorrer dos séculos houve várias reformas (SOARES, 2002, p. 8).

Assim a educação não era acessível a todos, ou seja, as classes mais pobres não tinham acesso. Em 1882, Rui Barbosa de Oliveira propôs a multiplicação de escolas e de melhorias na qualidade e no acesso ao ensino. Sobre isso, Vanilda Paiva (1973, p. 168) afirma que

As reformas da década de 1920 tratam da educação do adulto ao mesmo tempo em que cuidam da renovação dos sistemas de um modo geral. Somente na reforma de 1928 do Distrito Federal ela recebe mais ênfase, renovando-se o ensino dos adultos na primeira metade dos anos 1930 (PAIVA, 1973, p. 168).

Em resumo, o acesso a educação para todos, inclusive os adultos e idosos, surgiu por conta das necessidades políticas e econômicas, o acesso ao voto e as imposições do mercado de trabalho que crescera bruscamente após as mudanças políticas no Brasil. Até o final dos anos de 1930, estes são alguns dos motivos que

fizeram com que a Educação de Jovens e Adultos ganhasse espaço e fizesse parte da história do país.

No período da ditadura empresarial-militar, diversas mudanças aconteceram nas políticas públicas para Educação de Jovens e Adultos, como o surgimento do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) fundado no governo de Artur da Costa e Silva e que durou quase duas décadas. Em 1985, foi substituído pela Fundação Educar, extinta definitivamente em 1990. Outro exemplo é o Movimento de Educação de Base (MEB), criado em 1961 e vinculado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, possui atuação até os dias atuais.

2.2 MATRÍCULAS EM EJA: UM BREVE PANORAMA DO ACESSO À EDUCAÇÃO

Mesmo após tantas mudanças para ampliar a oferta e o acesso a educação, o índice de analfabetismo da população ainda não atingiu as metas propostas no Plano Nacional de Educação. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (TOKARNIA, 2020), o analfabetismo no Brasil afeta 6,9% da população brasileira, isto é, mais de 11 milhões de pessoas analfabetas. Entre as pessoas com 60 anos de idade ou mais, eram 18% desta população em 2018. Uma das alternativas buscada por jovens, adultos e idosos que ainda não sabem ler nem escrever é a modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), também procurada por pessoas de 15 anos de idade ou mais que, mesmo sendo alfabetizadas, não conseguiram concluir a Educação Básica.

Na cidade de Arapiraca, as matrículas na EJA feitas pelos homens somam o quantitativo de 1.498, enquanto a quantidade de matrículas de mulheres somam 1.360, demonstrando uma diferença de 138 matrículas. Um fato importante sobre a cidade de Arapiraca é que, de acordo com o site oficial da cidade, apenas em 1890 foi criada a escola mista e, em 1891, Esperidião Rodrigues, o primeiro prefeito do município, conseguiu do então governador do estado, o Barão de Traipu, a nomeação da sua nora, Marieta Peixoto, como a primeira professora estadual. Antes da criação da escola mista, as aulas eram ministradas numa residência particular improvisada e era considerada um privilégio para poucos, ou seja, acessível apenas aos filhos de famílias ricas.

Após compreender um pouco sobre a história educacional da cidade, começamos a relacionar o quantitativo de matrículas feitas na EJA no município e os resultados da pesquisa. No período em que os entrevistados nascidos na cidade de Arapiraca eram crianças e tinham idade considerada regular para frequentar a escola, não tinham acesso por não terem condições materiais. Assim, ao invés de ir à escola, começaram a se dedicar a outras atividades. Ainda sobre o processo de escolarização da cidade de Arapiraca, consta no site oficial a seguinte afirmação:

A demora para que Arapiraca tenha embarcado no processo de escolarização, pode ser explicada por meio da observação dos costumes da época. Um deles era o estímulo à participação de toda a família, incluindo os filhos, nas atividades agrícolas. Primeiro, na cultura da mandioca e, mais tarde, com o fumo. Por isso a escolarização não era priorizada e a escola considerada um luxo dispensável (ARAPIRACA, 2022, erros de pontuação no original).

Hoje em dia, a compreensão é de que a educação e o acesso à escola é dever do Estado e deve ser garantido a todos. Ao acessar o SESC Ler e os alunos entrevistados, percebemos que as mulheres eram maioria nas salas de aula. Os homens, em sua maioria idosos, afirmavam que procuraram pelo SESC pelo acesso a diversos benefícios e pelo contato com outros alunos que fazem parte do cotidiano dos entrevistados, além do currículo mais flexível e horários atraentes.

Mesmo podendo ter acesso a diversas oportunidades dentro do SESC, muitos alunos ainda evadem, em sua maioria homens. Este fato está relacionado à cultura, pois muitos alunos que frequentam a EJA atualmente afirmam que não puderam ter acesso à escola quando crianças ajudavam seus pais. As meninas, consideradas mais frágeis, ficavam em casa cuidando dos irmãos e limpando a casa. Já os meninos, principalmente os mais velhos, tinham que trabalhar para ajudar financeiramente no sustento da família. Desta forma percebemos que a desigualdade de gênero está intimamente relacionada com a falta de oportunidades e de crescimento não só individual, mas da sociedade.

3. O ABANDO E O RETORNO À ESCOLA

A pesquisa foi constituída através das entrevistas com oito estudantes da Educação de Jovens e Adultos – EJA da Unidade SESC Ler da Cidade de Arapiraca. A amostra foi composta por cinco mulheres e três homens. Foram

elaboradas oito questões sobre as quais os participantes puderam falar abertamente. Os oito alunos entrevistados possuíam idades entre 37 e 77 anos, sendo cinco mulheres e três homens, todos alagoanos ou pernambucanos. Alguns relataram que migraram para outras regiões, mas retornaram para Alagoas, em especial para o município de Arapiraca, em busca de melhores condições de vida. Os nomes utilizados para descrever cada um dos entrevistados são fictícios, visando assim preservar suas identidades e suas opiniões sobre os desafios que enfrentaram durante todas as suas trajetórias de vida.

Pelos relatos das e dos estudantes entrevistados, podemos perceber que os motivos que levaram as mulheres a abandonar a escola diferem em certa medida dos motivos que levaram os homens a evadir. A distância de casa para a escola, a necessidade de cuidar dos irmãos mais novos, o machismo enraizado na cultura familiar tradicional, a necessidade de ajudar a família na roça e/ou na cidade para ajudar no sustento da família, a violência nas escolas e a escassez de professores foram os motivos apresentados pelas mulheres entrevistadas. Já entre os homens, o fato de ser o filho mais velho, de precisar trabalhar remuneradamente em empregos formais ou não-formais, necessidade de ajudar o sustento da família e a desmotivação por ser considerado menos atento aos estudos estão entre os principais motivos que os levaram a desistirem da escola.

Mesmo após compreender que os motivos diferem, precisamos destacar que existem semelhanças que devem ser notadas. Para os homens não se tratava de escolha, aqueles que eram os filhos mais velhos geralmente eram designados a desempenhar o papel de provedor da família e/ou auxiliar no sustento da casa. É possível notar que há uma desigualdade de gênero nesse período. A mulher, por sua vez, é colocada no papel social de responsável por tarefas domésticas, como cuidar dos irmãos mais novos, limpar a casa e cozinhar. Em publicação para o Curso de Pós-Graduação Gênero e Diversidade na Escola (BRASIL, 2009), Sergio Carrara, Maria Luiza Heilborn e Fabíola Rohden afirmam que

Os diferentes sistemas de gênero – masculino e feminino – e de formas de operar nas relações sociais de poder entre homens e mulheres são decorrência da cultura, e não de diferenças naturais instaladas nos corpos de homens e mulheres (BRASIL, 2009, p. 39).

O reflexo disso é percebido nas escolas que ofertam a EJA. A quantidade de mulheres que retornam a escola após terem constituído família e criado os filhos ou terem um pouco mais de tempo para se dedicar aos estudos após certa maturidade profissional, mesmo que ainda estejam trabalhando diariamente. O patriarcado está marcadamente presente nas histórias devida de homens e de mulheres que retornam à escola, na EJA. Enquanto elas abandonaram a escola regular para se dedicarem à família e ao âmbito privado doméstico, eles deixaram a escola para ajudar a família financeiramente, trabalharem na esfera pública do trabalho remunerado.

O retorno à escola através da Educação de Jovens e Adultos geralmente está relacionado ao desejo de retornar ou assumir melhores posições no mercado de trabalho, assumindo cargos de níveis mais elevados. Há também, pessoas que retomam os estudos para aprender a ler e escrever. Nesse sentido, muitos buscam inserir-se e adequar-se às exigências da sociedade contemporânea. Há, também, pessoas que buscam a EJA como um alento, para sair de casa, estabelecer ou ampliar redes de sociabilidade, conversar e aprender.

Entre os entrevistados homens o retorno à escola através da EJA se deu pelo interesse em aprender a ler e escrever e/ou aprimorar seus conhecimentos e por conta dos comentários a cerca da EJA ofertada pelo SESC Ler Arapiraca. Entre as mulheres entrevistadas o retorno ocorreu para que pudessem aprender mais, adquirir novos conhecimentos, aprender a ler e escrever. Para Maria (68 anos), que não teve acesso à escola quando criança, a EJA foi uma possibilidade de conciliar escola e trabalho, por conta da flexibilidade de horários. Quitéria (52 anos), que trabalha como cabeleireira e ministra cursos na área, viu a necessidade de aprender a ler e a escrever se tornar uma exigência profissional.

Quando destacamos os motivos que os fizeram retornar a escola percebemos que existem algumas semelhanças, como o desejo de aprender a ler e escrever, aprimorar seus conhecimentos, flexibilização de horários, fáceis acessos a educação e por conta da idade, pois, muitos acreditam que após a fase adulta não devem estudar na escola regular e na Educação de Jovens e Adultos eles encontrarão outras pessoas com as mesmas idades e histórias de vida semelhantes, tornando o ambiente escolar familiar e acolhedor, porém, o motivo que fez com que todos retornassem a escola foi o desejo de aprender a ler, isso se deve a expulsão sofrida

enquanto os entrevistados ainda estavam em idade considerada regular para acessar a escola e por vários motivos tiveram que desistir, não basta comentarmos sobre os motivos que os fizeram retornar a escola, é necessário refletir sobre a unanimidade em retornar para aprender a ler, a necessidade de localizar-se ou até mesmo de sentir-se independente tem se tornado o combustível que os move em buscar de uma nova vida.

Podemos destacar ainda que um dos culpados pela expulsão de homens e mulheres da escola foi o capitalismo e inda tem sido nos dias atuais, onde muitas pessoas abandonam a escola para trabalhar e sobreviver e retornam para que possam galgar empregos com salários melhores, pois o nível de instrução influencia bastante nos valores dos salários disponibilizados pelas empresas e o não acesso ou o abandono reforçam os papéis de gênero, pois o retorno entre as mulheres ocorreu após a estruturação familiar e entre os homens o retorno ocorreu para que pudessem aprender a ler e escrever para desempenhar funções mais rentáveis, ou seja, para ganhar mais.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo pretendeu identificar os motivos que levaram homens e mulheres a evadirem da escola quando crianças e/ou adolescentes e os motivos pelos quais os mesmos a ela retornaram. Pretendemos desenvolver uma discussão sobre as semelhanças e divergências entre as motivações, usando as relações de gênero como categoria analítica. Ao entrevistar as e os estudantes, percebemos que existem semelhanças entre os motivos de evasão e divergências entre os motivos do retorno, demonstrando que existem divergências exatamente por conta do sexo dos educandos. Algumas entrevistas foram conduzidas de forma presencial e outras, online, com uso do aplicativo WhatsApp. Todos os participantes responderam a todas as perguntas e o quantitativo de mulheres presentes na turmas entrevistadas foi maior que a quantidade de homens, cinco mulheres e três homens. Ao final do semestre letivo, um destes três entrevistados evadiu da EJA.

Infelizmente somos a geração mais tecnologicamente equipada da história humana e a mais assombrada por sentimentos de insegurança e desamparo (BAUMAN, 1998). As necessidades impostas pelo próprio sistema, patriarcal e

capitalista, levam muitas pessoas a submeterem-se a baixos salários que, geralmente, não suprem as necessidades básicas de uma família e demandam abdicção. Dentre outras coisas, as pessoas abdicam da escola e dos estudos quando precisam se submeter ao trabalho assalariado. A falta de tempo por conta do trabalho, os cuidados com a família e os filhos pequenos, a rigidez conservadora de pais e maridos, o filho que precisa de emprego e salário para ajudar a renda familiar, a filha que precisa cuidar dos irmãos mais novos, entre tantos outros motivos foram os mais comentados durante as entrevistas.

A evasão ocorreu por estes motivos e o retorno a escola após a idade considerada regular é um desafio para pais e mães de família que decidem sair das estatísticas do analfabetismo. Não obstante aos motivos que os fizeram evadir, o retorno à escola através da modalidade EJA foi, para os homens, motivado pela necessidade de aprender a ler e escrever para que pudessem ter melhores condições de conseguir um emprego mais qualificado. Também foram apontados os motivos de desejo de melhorar a escrita e a leitura e o incentivo da família e amigos, pois a desmotivação quando jovem levou um dos entrevistados a desistir da escola.

Entre as mulheres entrevistadas, a maioria delas já possui conhecimentos adquiridos ao longo do tempo e afirmam que retornaram à escola para aprender mais. Algumas delas destacaram a importância de adquirir novos conhecimentos por conta de exigências da profissão. Apenas uma das entrevistadas não havia tido acesso à escola. Somente após os filhos estarem adultos e o marido idoso, foi possível frequentar a escola e aprender a ler e escrever. Além disso, é possível afirmar que este estudo possibilita compreender que as mulheres não buscam apenas ascensão social, mas crescimento pessoal, enquanto os homens, procuram algo mais instrumental no retorno à escola. Para os homens, apropriar-se de ferramentas de uso prático e cotidiano parece ser suficiente.

Ao concluir este trabalho nenhuma das questões desenvolvidas ficou sem respostas. No entanto, nos deparamos com um fato intrigante: a evasão entre os homens da EJA ainda é maior do que entre as mulheres. Apesar disso, o quantitativo de matrículas efetuadas é maior entre os homens do que entre as mulheres. Os homens ainda carregariam consigo o papel de provedor das suas famílias, ficando sem tempo para ir à escola, pois trabalham exaustivamente, mas sentem o desejo de retornar a escola? Ou as metodologias de trabalho pedagógico

desenvolvidas na EJA não lhes são acolhedoras e interessantes? Qualquer que seja a resposta a essas ou outras questões, é uma indicação de que são necessários outros estudos para uma melhor compreensão da EJA.

Portanto, este trabalho contribui para a formação de pedagogos e pedagogas por tratar das realidades de pessoas que decidiram retornar à escola através da EJA. É imprescindível compreender que geralmente muitos dos estudantes da EJA sequer tiveram acesso à escola quando crianças por inúmeros motivos, entre eles histórias de percalços e expulsão escolar, sim, estes sujeitos foram expulsos do âmbito escolar para atender as necessidades impostas pelo próprio capitalismo, que enquanto oferece a educação assistencialista, cobra um alto preço aqueles que abriram mão dos seus direitos para manter o capital a todo vapor e que na idade adulta possuem rotinas diárias exaustivas, cabendo aos professores(as) desenvolverem e mediar atividades de acordo com a realidade que os cercam.

REFERÊNCIAS

PREFEITURA de Arapiraca: Polo Educacional. Web.arapiraca.al.gov.br. [2021]. Disponível em: <https://web.arapiraca.al.gov.br/polo-educacional>. Acesso em: 09 out. 2021.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade e Holocausto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1998. BRASIL.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Censo educação básica 2020. Brasília: INEP, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-escolar/resultados>. Acesso em: 11 out. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Gênero e diversidade na escola: Formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. Livro de conteúdo: Módulo II: Gênero: Organização Sergio Carrara, Maria Luiza Heilborn e Fabíola Rohden. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Proposta Curricular de Educação de Jovens e Adultos (1º segmento). Brasília: Mec, 1997. BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Educação de Jovens e Adultos. Parâmetros em Ação. Brasília: Mec, 1999.

CABRAL, Vilmara Luiza Almeida; ANGELO, Cristiane Borges. Reflexões sobre a Importância do Estágio Supervisionado na Prática Docente. In: ENCONTRO PARAIBANO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA - EPEM, 6., 2010, Monteiro. Anais [...]. Monteiro: EPEM, 2010.

DI PIERRO, Maria Clara. Notas sobre a redefinição da identidade e das políticas públicas de Educação de Jovens e Adultos no Brasil. Educação & Sociedade, Campinas, v. 26, n. 92, out. 2005, p. 1115-1139.

FREIRE, Paulo. Conscientização: Teoria e prática da libertação. São Paulo: Cortez & Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa. 33. ed. São Paulo: Paz & Terra, 1996.

HEILBORN, Maria Luiza. O traçado da vida: gênero e idade em dois bairros populares do Rio de Janeiro. In:

MADEIRA, Felícia Reicher. (org). Quem mandou nascer mulher? Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos/Unicef, 1997. INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Censo da Educação Básica 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/ptbr/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-escolar/resultados>. acesso em: 12 out. 2021.

MADEIRA, Felícia Reicher. A trajetória das meninas dos setores populares: escola, 37 trabalho ou... reclusão. In:

MADEIRA, Felícia Reicher (org). Quem mandou nascer mulher? Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos/Unicef, 1997.

PAIVA, Vanilda Pereira. Educação popular e educação de adultos. São Paulo: Loyola, 1973.

SCOTT, Joan. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade, Porto Alegre, n. 20, v. 2, 1995, p. 71-100. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/71721/40667>. Acesso em: 12 out. 2021.

SOARES, Leoncio. Educação de jovens e adultos. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

TOKARNIA, Mariana. Analfabetismo cai, mas Brasil ainda tem 11 milhões sem ler e escrever. Agência Brasil, Brasília, 15 jul. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-07/taxa-cai-levemente-masbrasil-ainda-tem-11-milhoes-de-analfabetos>. Acesso em: 13 out. 2021